

# **Educação Ambiental e as provocações foucaultianas sobre o poder ubuesco**

## ***Environmental Education and the Foucaultian provocations about the ubuesque power***

**Isabel Cristina Dalmoro**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

[isadalmoro.filosofia@gmail.com](mailto:isadalmoro.filosofia@gmail.com)

**Suelen Assunção Santos**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

[suelen.santos@ufrgs.com](mailto:suelen.santos@ufrgs.com)

### **Resumo**

O texto a seguir apresenta notas da pesquisa de Mestrado que teve como questão motivadora saber *se e como* a perspectiva filosófica de Michel Foucault poderia atuar com a Educação Ambiental. Ao longo da pesquisa deu-se o encontro com o conceito de poder ubuesco mencionado pelo autor na obra *Os Anormais* (1974-1975). A partir desse encontro, adotamos como objetivo geral do estudo o de analisar como o referido conceito poderia servir para lançar outro olhar sobre a Educação Ambiental. O poder ubuesco integra o discurso que contém a uma só vez três propriedades: o poder de vida e de morte, o poder de verdade e o poder de fazer rir. Além disso, pelo poder ubuesco ocorre a maximização dos efeitos de poder a partir da desqualificação de quem os produz. Como primeiro resultado alcançado, podemos aferir que esse discurso encontra lugar na rede discursiva da Educação Ambiental.

**Palavras chave:** educação ambiental, poder ubuesco, Michel Foucault.

### **Abstract**

The following text presents notes of a Masters degree study that had as motivating question to know *if and how* the philosophical perspective of Michel Foucault could act with Environmental Education. Throughout the research, we met the concept of ubuesque power, mentioned by the author in his work *Abnormal* (1974-1975). From this meeting, we adopted as general objective of the study to analyze how the referred concept could serve to cast another glance on Environmental Education. The ubuesque power integrates the speech that contains, at once, three properties: the power of life and death, the power of truth and the power to make one laugh. Beyond that, by the ubuesque power occurs the maximization of the effects of power from the disqualification of who makes it. As first result achieved, we can measure that this speech finds place in the discursive web of Environmental Education.

**Key words:** environmental education, ubuesque power, Michel Foucault.

## Apresentação

O texto a seguir apresenta notas da pesquisa de Mestrado vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde (PPGEC) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e pertence à Linha de Pesquisa que investiga como os efeitos dos discursos e das práticas sociais processadas em diferentes instâncias atuam na produção de verdades e de sujeitos, tendo como base a vertente pós-estruturalista. O estudo teve como questão motivadora saber *se e como* a perspectiva filosófica de Michel Foucault poderia atuar com a Educação Ambiental. A pesquisa consistiu, inicialmente, em estudar conceitos do pensamento foucaultiano que pudessem responder afirmativamente tal questão. Ao longo do estudo deu-se o encontro com o poder ubuesco. A partir disso, adotamos como objetivo geral da pesquisa o de analisar como o referido conceito poderia servir para lançar outro olhar sobre a Educação Ambiental.

O adjetivo ubuesco deriva da peça de Alfred Jarry (1873-1907), intitulada *Ubu-roi* (1896). A referida peça é composta por cinco atos que contam as peripécias de Pai Ubu que, junto com a esposa Mãe Ubu e seus súditos, trama e executa o assassinato do soberano da Polônia. Ao assumir o trono por meio deste assassinato, Pai Ubu se proclama Rei Ubu. Logo depois de ter assumido o cargo, os mandos e desmandos do Rei Ubu são marcados pela tirania acentuada, pelo terror imposto aos seus súditos e pela covardia do personagem. Por conta das suas falas, Pai Ubu carrega um tipo de humor às avessas, assinalado pelo tom sarcástico e grosseiro. Um exemplo disso pode ser percebido pelos seguintes fragmentos da peça:

[...] eu mudei o governo e mandei publicar no jornal que todos os impostos serão pagos duas vezes, ou mesmo três, no caso dos que forem designados posteriormente. Com esse sistema, logo, vou fazer fortuna, daí mato todo mundo e me mando. [...] Paguem! Ou meto todos no meu bolso, com tortura, degolação do pescoço e da cabeça! Cornoralho, sou rei ou não sou? (JARRY, 1986, p. 84-85).

O poder ubuesco foi mencionado por Michel Foucault explicitamente nas duas primeiras aulas que integram a obra intitulada *Os Anormais* (1974-1975). Nas aulas que compõem a referida obra o autor elenca noções que possibilitaram a formação do conceito de anormalidade, discorrendo sobre a articulação entre os três elementos que constituíram a categoria dos anormais: o monstro, o indisciplinado e o onanista. É pelas descrições contidas nos relatórios elaborados pelos peritos psiquiátricos em matéria penal sobre esses três elementos que Foucault (2010) caracteriza o poder ubuesco. Segundo o autor, o poder ubuesco faz parte de um discurso que merece atenção porque contém a uma só vez três propriedades, quais sejam: 1) o poder de vida e de morte, 2) o poder de verdade e 3) o poder de fazer rir. Adiantamos que o sentido do riso considerado é o riso oriundo da ironia e do sarcasmo. Além disso, pelo poder ubuesco ocorre a maximização dos efeitos de poder a partir da desqualificação de quem os produz. Conforme:

Creio que existe uma categoria precisa; em todo caso, deve-ser-ia definir uma categoria precisa da análise histórico-política, que seria a categoria do grotesco ou do ubuesco. O terror ubuesco, a soberania grotesca ou, em termos mais austeros, a maximização dos efeitos do poder a partir da desqualificação de quem os produz: isso, creio eu, não é um acidente na história do poder, não é uma falha mecânica. Parece-me que é uma das engrenagens que são parte inerente dos mecanismos de poder (FOUCAULT, 2010, p. 11).

Ao assumirmos o poder ubuesco como o conceito foucaultiano a ser examinado, elegemos os seguintes objetivos específicos para a pesquisa: 1) caracterizar o poder ubuesco, 2) investigar como o poder ubuesco foi operado por Foucault e 3) analisar como o poder ubuesco pode operar com a Educação Ambiental. Nesse contexto, apresentamos alguns resultados obtidos.

## Discussão de Resultados

O primeiro dos resultados corresponde a elaboração de um artigo no qual buscamos, em método baseado na Cartografia, apresentar os mapas dos sentidos alcançados pela categoria do ubuesco. Nesse artigo, a caracterização do poder ubuesco se deu a partir da peça *Ubu-roi* (1896) de autoria de Jarry (1986) – peça da qual o adjetivo *ubuesco* teve sua derivação –, da obra foucaultiana *Os Anormais* (1974-1975) e do texto “A crise da governamentalidade e o poder ubuesco”, de Leme (2008). Cabe dizer que compreendemos a governamentalidade como “uma arte de governar cuja racionalidade tem por princípio e campo de aplicação o funcionamento do Estado: a ‘governamentalidade’ racional do Estado” (REVEL, 2011, p. 74). Ou seja, trata-se de um conjunto de procedimentos que constituem a maneira de governar. Nesse conjunto de procedimentos tem-se o princípio do terror no qual, no exercício do poder, o governante não oculta o que está acontecendo, pois sabe que o governado não ignora a situação. Desse modo, de um lado tem-se o governo fortalecido pela exibição do modo como funciona, por outro, o governado ciente daquilo que se passa. Por ter conhecimento do modo como as coisas funcionam quando assinaladas pelo princípio do terror, não havendo para isso uma resposta racionalmente possível, é que as coisas não se modificam. Nesse sentido, Leme (2008) expõe sobre um desdobramento do poder ubuesco, impulsionando a mentira ubuesca. Segundo o autor, a mentira ubuesca é “uma mentira invertida”. Em linhas gerais, refere-se a uma mentira que tanto o emissor como o destinatário sabem que o enunciado é falso. Nessa relação de poder o emissor está lançando mão do poder ubuesco, pois ao emitir uma mentira desqualifica-se como interlocutor não permitindo que o destinatário exerça seu direito de resposta de maneira racional. Contudo, ressalta:

[...] não devemos nos surpreender pelo fato de alguém aparentemente desqualificado ocupar os lugares estatutários do poder, devemos antes atentar perceber por que é que é essa a mecânica do poder vigente, e quais são em nós, os seus efeitos de subjetivação. Atente-se que estamos perante um desdobramento do princípio do terror, ou seja, a exibição da imbecilidade e da mentira dos governantes é uma forma de fortalecer o poder, a força de sua engrenagem é tão mais forte quanto é notória a imbecilidade que exibem (LEME, 2008, p. 191).

Acerca dos efeitos de subjetivação do poder ubuesco mencionado por Leme (2008), no artigo elaborado buscamos apresentar como podem se dar tais implicações tanto em viventes como em não-viventes. Isso por conta da operacionalização do conceito de poder ubuesco sobre a Educação Ambiental no contexto da crise ambiental vigente, no qual nos valem também da noção de mentira ubuesca. Buscamos na internet, especificamente em uma das redes sociais de Donald Trump – atual presidente dos Estados Unidos da América – elementos que corroborassem as três propriedades que compõem o discurso do qual o poder ubuesco faz parte. Após o exame dos materiais encontrados, percebemos que nos atos e nas enunciações de Donald Trump e Kim Jong-un (líder supremo da Coreia do Norte) se evidenciam as três propriedades que remetem ao modo como Foucault caracterizou o poder ubuesco. A primeira dessas propriedades envolve as recorrentes ameaças de lançamentos de mísseis em que os dois governantes, por meio de declarações e postagens, colocaram em risco a vida de milhões

de pessoas, uma vez ocorrendo a efetivação dessas. Tem-se nisso traços que remetem à propriedade de vida e de morte, que é uma das características do poder ubuesco. Além disso, os dois possuem, às custas dos cargos que ora ocupam, o poder de verdade. Dado que um foi escolhido por eleitores de seu país e outro como herdeiro de um regime ditatorial. Para mais, possuem o poder de provocar o riso incomodado, o riso irônico que faz parte da tríade de propriedades do discurso que abarca o poder ubuesco, que pode ser percebido pelo conteúdo das mensagens trocadas entre ambos os governantes. O que cresceu para a promoção do encontro do poder ubuesco com a Educação Ambiental foi a retirada do país governado por Donald Trump do Acordo de Paris. As razões indicadas para essa ação e que foram apresentadas por ele em seus discursos possibilitaram a ligação com o conceito de poder ubuesco. Duas declarações extraídas da reportagem que tem como título “Donald Trump enterra esforço global para deter mudança climática” (AHRENS, 2017) seguem como exemplo. A primeira quando afirmou: “[...] admito que a mudança climática esteja causando alguns problemas: ela nos faz gastar milhões de dólares no desenvolvimento de tecnologias que não precisamos”, e a segunda: “[...] fui eleito para representar os cidadãos de Pittsburgh, não de Paris [...]”. Além dessas declarações, tomamos a publicação na qual Donald Trump afirmou que o aquecimento global não seria resultante das atividades humanas se tratando de “uma mentira inventada pelos chineses” para fazer com que a economia americana não continuasse a crescer como outro exemplo das enunciações emitidas que possibilitaram a ligação entre a temática da Educação Ambiental com o poder ubuesco.

Como segundo resultado, elaboramos um artigo mostrando como transcorreu o encontro entre a Educação Ambiental e o poder ubuesco. Nesse artigo, destacamos o método adotado pelo estudo, qual seja, o método baseado na Cartografia. Este método tomou o significado de um acompanhamento de percursos, cartografando as movimentações e alterações que abarcam mudanças e ressignificando os sentidos, sendo construído ao longo do percurso da pesquisa. De acordo com Kastrup (2015, p. 32), “a Cartografia é um método formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari que visa acompanhar um processo, e não representar um objeto. Em linhas gerais, trata-se sempre de investigar um processo de produção”. Nesse caso, é o processo de produção dos sentidos da categoria do poder ubuesco que o método adotado, baseado na Cartografia, investigou. Além disso, conforme Barros e Passos (2015, p. 172), “o trabalho de pesquisa deve ser sempre acompanhado pelo registro não só daquilo que é pesquisado quanto do processo mesmo do pesquisar”, pois isso permite a análise das implicações que se cruzam no método da investigação proposta, servindo como um possível “disparador de desdobramentos da pesquisa” (idem). Por esse motivo, numa espécie de registro do processo do estudo realizado, é que produzimos o artigo supramencionado.

O terceiro resultado obtido envolveu a elaboração de um artigo em que se procurou mapear como o poder ubuesco foi operado pelo professor Foucault nas onze aulas que compõem o curso ministrado no Collège de France (1974-1975), buscando as ressonâncias desse conceito para as categorias de poder elencadas por Veiga-Neto (2016) quais sejam, o poder pastoral, soberano e disciplinar, como também para a Educação Ambiental. O poder pastoral foi institucionalizado nas práticas cristãs medievais, na qual o poder político era exercido por meio de um conjunto de princípios configurados sob a verticalidade, fazendo alusão ao modo como um pastor conduz suas ovelhas. Mediante a direção da consciência por meio da prática da confissão o poder pastoral se faz presente na obra *Os Anormais* (1974-1975), uma vez que mostra de que modo “o corpo foi desqualificado e culpabilizado como carne, ou seja, como corpo atravessado pelo desejo libidinoso” (CASTRO, 2017, p. 102). Outra categoria de poder descrita por Veiga-Neto (2016) refere-se ao poder de soberania. Nesse caso, o poder político é exercido na relação do soberano com seus súditos. O soberano, diferente do pastor, não

pretende ser salvacionista, nem piedoso, nem mesmo individualizante. A relação de poder soberana é efetivada pela violência sobre os corpos dos seus súditos. Para mais, o discurso do rei tem o poder de vida e morte legitimado pelo seu direito de soberano. Na obra *Os Anormais* (1974-1975) o poder soberano aparece descrito sob forma arbitrária e infame quando Foucault menciona o poder ubuesco como um procedimento inerente à soberania. De acordo com Veiga-Neto (2016, p. 67), a categoria do poder disciplinar apresenta-se como uma espécie de substituição ao poder pastoral e o poder de soberania, por conta de uma carência de ordem política que essas duas últimas categorias comportavam. Essa substituição, segundo o autor, deve ser pensada em sentido fraco e ser associada com a incorporação, ou talvez, acoplamento do poder disciplinar nas categorias de poder soberano e pastoral. Nesse sentido, o poder disciplinar atua, por meio de técnicas disciplinares, ao nível do corpo e dos saberes resultando em formas particulares de se estar no mundo. Assim, a disciplina do ponto de vista do exercício do poder “tem por objeto os corpos e por objetivo sua normalização” (CASTRO, 2016, p. 110). É em relação a essa normalização dos corpos, por meio das técnicas de localização, de classificação e de intervenção/medicalização do anormal, considerado com um indivíduo a ser corrigido, que o poder disciplinar se mostra na obra *Os Anormais* (1974-1975).

Segundo Castro (2016, p. 188), a obra *Os Anormais* (1974-1975) faz parte do primeiro grupo dos cursos de Foucault no qual o eixo do estudo consistia na história das disciplinas, em que “as sociedades modernas não são apenas sociedades de disciplinarização, mas também de normalização, dos indivíduos e das populações”. Acerca das ressonâncias do poder ubuesco para as categorias de poder acima mencionadas, podemos aferir que o poder ubuesco diagonaliza essas categorias, possibilitando o fortalecimento dos efeitos tanto do poder disciplinar como dos poderes pastoral e soberano, por ser considerado como um mecanismo inerente nas engrenagens do poder. Em relação à Educação Ambiental, nos valem do caráter ubuesco das descrições contidas nos relatórios elaborados pelos peritos psiquiatras em matéria penal para apresentar ressonâncias do discurso que abarca o poder ubuesco na referida educação. Para tanto, lançamos mão dos discursos de Donald Trump acerca do aquecimento global e da mudança climática, temas pertinentes às práticas discursivas da Educação Ambiental, e que foram problematizados ao longo dos artigos elaborados.

## Considerações finais

De acordo com o que foi pesquisado, podemos afirmar que o poder ubuesco pode servir para lançar outro olhar para a Educação Ambiental, possibilitando o encontro entre a perspectiva filosófica foucaultiana e a referida educação. Isso porque entendemos que o poder ubuesco, compreendido como integrante de um discurso, faz parte da rede discursiva da Educação Ambiental. Nesse sentido, o que estamos mapeando é um mecanismo de poder que constitui a rede discursiva da Educação Ambiental e que cria condições de possibilidade para potencializar o discurso da mencionada educação. Isso porque, em vista das provocações apresentadas, reconhecemos que esse discurso maximiza a Educação Ambiental, em função de seu caráter ubuesco. Desse modo, defendemos o potencial do poder ubuesco como uma ferramenta conceitual analítica capaz de fornecer elementos para a compreensão da realidade que ora se apresenta. Contudo, na compreensão de que os resultados obtidos não esgotam as possibilidades de se operar com o referido conceito, a pesquisa acerca do poder ubuesco e seus efeitos sobre a Educação Ambiental ainda se movimenta. Pois, diante das implicações que o discurso que abarca o poder ubuesco pode provocar, entendemos que tais discursos merecem atenção.

## Agradecimentos

CAPES; UFRGS; GEEMCo.

## Referências

AHRENS, J. M. Donald Trump enterra esforço global para deter mudança climática. Washington, Junho/2017. *Jornal El país Brasil*. Disponível em:<[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/01/internacional/1496334641\\_201201.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/01/internacional/1496334641_201201.html)> Acesso em 30/07/18.

BARROS, R. B.; PASSOS, E. Diário de bordo de uma viagem-intervenção. In: PASSOS, E., KASTRUP, V. ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da Cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 172-200.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução de Ingrid Müller Xavier. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

CASTRO, E. **Introdução a Foucault**. Tradução de Beatriz de Almeida Magalhães. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FOUCAULT, M. **Os Anormais** (1974-1975). Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

JARRY, A. **Ubu-Rei**. Tradução de José Rubens Siqueira. 1. ed. São Paulo: Editora Max Limonad, 1986.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo – Pista 2. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da Cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 32-51.

LEME, J. L. C. A crise da governamentalidade e o poder ubuesco. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M.; VEIGA-NETO, A.; SOUZA FILHO, A. (Org.). **Cartografias de Foucault**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 181-197.

REVEL, J. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. Tradução de Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. 1. ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2011.

VEIGA-NETO, A. **Foucault & a Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.